
Morando
dentro de um
experimento

Morando
dentro de um
experimento

PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE

Trabalhos realizados pela primeira turma de Fotografia do
curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Morando dentro de um experimento [livro eletrônico] / organização Mariane Rotter ...[et al.]. -- 1. ed. -- Montenegro, RS : Átila Alexius, 2021.

PDF

Outros organizadores: Átila Alexius, Caroline Leite Ferreira, Loriane Lung, Mariana Souza de Jesus
ISBN 978-65-00-20578-7

1. Arte 2. Artes visuais 3. Fotografia - Estudo e ensino 4. Fotografias I. Rotter, Mariane. II. Alexius, Átila. III. Ferreira, Caroline Leite. IV. Lung, Loriane. V. Jesus, Mariana Souza de.

21-62076

CDD-770



Índice

08	Mariane Rotter
09	Apresentação
10	Ana Carolina Cecchin Chini
13	Estou morando dentro de um experimento
17	A Câmara Escura
20	Mariana Souza de Jesus
22	Átila Alexius
25	Caroline Leite Ferreira
26	João André Motta
28	Deisi Camara do Nascimento
30	Gisele Soares
33	Luelle Vanessa Arnhold
34	Rulyan da Silva Flores
36	Larissa Borges Ferreira
37	Raphael Junior Almeida Batista
40	Loriana lung



Apresentação

por Mariane Rotter

Quando o segundo semestre letivo do ano de 2020 iniciou, já estávamos envolvidos em um novo modo de viver e de nos relacionar que a quarentena e o distanciamento social impostos pela pandemia do Sars Cov 2 nos obrigou a vivenciar. Em um planejamento “normal e ideal” para o semestre, iniciariamos o componente curricular Fotografia realizando diversas práticas que retomam os primeiros processos da técnica, utilizando materiais alternativos, fazendo experimentos. Com a impossibilidade de nos encontrarmos presencialmente para as aulas, muito menos realizar atividades dentro de um espaço pequeno e fechado como é um laboratório fotográfico, a ideia de fazer uma câmera escura na casa de cada aluna e aluno foi a alternativa possível.

Em algum dos dias dessa “infinitena” encontrei um artigo na revista Zum¹, em que o fotógrafo Bruno Alencastro era entrevistado e apresentava o projeto OBS-CU-RA, em que ele e amigos transformavam uma peça de suas casas em uma grande câmera obscura. Com a intenção de produzir algo nesse momento tão novo e desafiador, Alencastro relata que buscava realizar algo dentro dos limites de sua residência. Foi aí que teve a ideia de experimentar a câmera obscura dentro de casa. Gostou tanto do resultado que foi convidando os amigos a também realizarem a proposta. Para que os amigos conseguissem realizar o experimento, Alencastro orientava-os por mensagens de texto e vídeo chamadas.

Impressionada com a ideia, convidei os alunos do componente de Fotografia a realizarem o mesmo, transformar uma peça de suas casas em uma câmera obscura. O desafio foi grande, pois se tratavam de pessoas com nenhuma ou pouca experiência com a técnica.

Desafio aceito, era hora de escolher um cômodo da casa que fosse bem iluminado, que tivesse uma abertura para uma vista minimamente interessante. Sim, pois às vezes podemos ter a janela mais iluminada da casa com a vista para o muro da vizinha, por exemplo. Trabalhou-se em etapas: Primeiro era preciso explicar as melhores formas de isolar da luz essa abertura e todas as outras que o cômodo poderia ter. A seguir era preciso encontrar em casa os materiais necessários para o isolamento, como folhas de papel alumínio, cobertores grossos, por exemplo, para evitar terem que sair de casa. Por fim, realizar o isolamento total do cômodo e fazer o registro fotográfico.

O resultado está aí. Curtimos tanto que decidimos levar para fora das nossas casas, da nossa sala de aula virtual, realizar um caderno que num primeiro momento terá uma edição virtual, mas já com desejos de que venha a ser impresso também.

Agradeço ao Bruno Alencastro por realizar e compartilhar esse lindo projeto, aos alunos do componente Fotografia e principalmente a Átila Alexius, Mariana Souza, Loriane Jung e Caroline Ferreira por toparem o projeto da publicação.

¹Como transformar sua casa numa câmera obscura. <<https://revistazum.com.br/zum-quarentena/camara-obscura/>>





Estou morando dentro de um experimento

por Caroline Leite Ferreira

A janela é uma guia. Abertura que me separa e ao mesmo tempo me relaciona ao mundo lá fora. Coloca limites diante da imensidão. Através de sua moldura posso acompanhar o dia passar, ver o céu e as mudanças dos astros acima de nós, perceber as estações e discordar das previsões climáticas. Ouvir, mais do que nunca, o canto dos pássaros, as crianças brincando, o sino da igreja e tudo o que indica a passagem do tempo. Sinto os dias mais úmidos e mais quentes no meu corpo. Abro a janela para o vento entrar e trazer vida de fora para dentro, pra casa respirar. Sem previsão para o mundo lá fora incorporo estes sinais a rotina, ao ritmo das coisas e a essa nova relação com o espaço e com o tempo. Olhar adiante, longe ou perto se tornou o melhor passatempo nesses dias incertos. Sempre retorno a paisagem e me pergunto mais do que nunca - o que me olha de volta?

Estou morando dentro de um experimento. Fecho a janela na tentativa de encontrar o mundo lá fora. O sol me mostra o que ele vê através de um pequeno feixe de luz. E como quem espia do interior de uma caixa de papelão é tudo tão brilhante, intenso e colorido do outro lado. Em toda minha certeza sobre as coisas, na ciência que permite a fotografia, na minha imaginação. Não cabia dentro das minhas expectativas esta sensação. A beleza de olhar por entre as lentes da janela, esse dia que não parece ser hoje. E já não importa a perfeição do experimento ou se há menos ou mais nuvens no céu, de forma mági-

ca se projeta em minha parede uma imagem invertida e pouco nítida da paisagem exterior, uma imagem nostálgica de um mundo que não parece estar do outro lado da janela, mas deslocado no tempo.

Reconheço cada prédio dentro deste quarto, às árvores nessa parede, celebro todo e qualquer movimento, um carro que passa na cama, uma pequena nuvem estacionada no céu, a sombra do que poderia ser um pássaro voando no teto, abro espaço entre os móveis para ver uma parede de tijolos vermelhos. Passo o dia a observar, a esperar por uma imagem mais nítida, sem me dar conta de que nunca estive tanto tempo a olhar para o mundo lá fora.

Meu olhar se surpreende com a paisagem em sua inevitável presença. Em relação a ela, pensei que estivesse distante, do outro lado dessa grande sala chamada cidade. Posicionada diante de algo que sempre considerei ser bastante particular. Agora pensando bem, percebo que a janela não é um portal e sim um espelho que projeta nossa imagem invertida e desloca a percepção do nosso próprio ser. Somos uma coisa só, em continuidade, em relação. Estendo os limites da minha casa até o resto do mundo. Sem as lentes do experimento o sol também me ilumina e me revela invertida para a paisagem que julgava espionar. Não fosse tanta luz, poderíamos nos olhar de frente, nos convidar sempre.



A câmara escura

por Mariana Souza

A câmara escura ou câmara obscura (do latim *câmera obscura*) é um dispositivo óptico renascentista usada por pintores e pelos precursores da fotografia como ferramenta de auxílio na produção de desenhos e pinturas, por preservar corretamente a perspectiva e proporcionar uma nova concepção de imagem que conferia realismo e autenticidade para as obras.

A câmara escura é a versão primeira da câmara fotográfica, o princípio da “escrita com a luz” vivenciada em sua forma artesanal e experimental. As referências mais antigas à câmara remetem a antiguidade, em meio ao século V a.C, também existem relatos que Aristóteles reconhecia o princípio da câmara para realizar observações astronômicas.

A representação do real e a captação do instante são projetadas por uma pequena fenda na escuridão. A câmara consiste em uma caixa ou uma sala escura totalmente vedada composta por paredes

opacas. Em uma destas paredes é feito um pequeno orifício e na parede oposta à entrada da luz, existe uma superfície fotossensível ao qual poderemos visualizar a imagem. O princípio da propagação retilínea da luz permite que os raios luminosos que atingem o objeto externo sejam projetados através do orifício, refletindo luz e o objeto na parede oposta sensibilizada para receber a imagem.

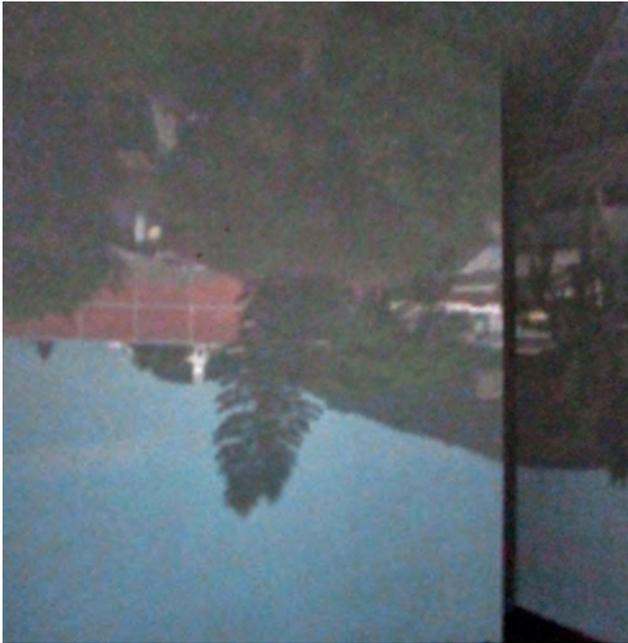
A projeção na parede produz uma imagem real invertida do objeto, com uma nitidez variável de acordo com o tamanho do furo, quanto maior for a incidência dos raios luminosos, menos nitidez terá a imagem projetada. Quanto menor o furo, mais nítida será a imagem.

A mágica do processo artístico possui um caráter híbrido, pois o funcionamento da câmara baseia-se em princípios da física, sendo uma fusão de ações sensíveis; entre o olhar, o campo de visão, a perspectiva e o uso de um vetor científico.

































Este livro foi composto pela fonte Arapey

Morando
dentro de um
experimento
